



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**BERENICE MACHADO ROLIM**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-80

**Entrevistado:** Berenice Machado Rolim

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Luanda Dutra e Camile Romero

**Data da entrevista:** 17/03/2004

**Transcrição:** Camile Romero

**Conferência Fidelidade:** Camile Romero

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Vicente Cabrera Calheiros

**Fitas:** (01 fita) 80/01-A e 80/01-B

**Total de gravação:** 50 minutos

**Páginas Digitadas:** 20

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 02098/2009/01

**Número de registro da fita:** 02098/2009/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ROLIM, Berenice Machado. *Berenice Rolim (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2009.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a ESEF; setores que trabalhou; envolvimento dos funcionários com a direção e com os professores da Escola; mudanças estruturais; problemas com a direção da ESEF; representação dos funcionários; possíveis grupos dentro da Escola; momentos bons e momentos ruins; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 17 de março de 2004. Entrevista com Berenice Machado Rolim, a cargo da entrevistadora Luanda, para o Projeto ESEF 65 anos, do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Tu podes contar a tua história, como é que tu entrou na ESEF<sup>1</sup>? O primeiro contato com a ESEF que tu tiveste.

B.R. - Assim, o meu contato com a ESEF foi muito pequeno, eu decidi que eu queria trocar e eu queria um lugar que eu não conhecesse ninguém. E aí surgiu a oportunidade através de uma colega que trabalhava comigo na PROPLAN<sup>2</sup>, que disse: “Ah, a mulher de um amigo meu”. Aquela coisa assim, “Tu quer?”. “Quero!”. E aí liguei, fiz o contato, era a Marlis<sup>3</sup> na época. E aí fui, não conhecia ninguém, mas também fui muito em função das seis horas, porque eu tinha os filhos pequenos e para mim era importante aquele horário assim, condensado para poder ficar com as crianças um turno.

L.D. - E qual foi o primeiro setor que tu entrou?

B.R. - Eu cheguei, foi muito assim, eu senti muito, porque eu trabalhava na Reitoria com um pessoal de alto nível, pessoal com mestrado, professor, coisa assim sabe? Era um trabalho todo institucional e eu me criei naquele ambiente ali, quando eu trabalhava para o... E fui para a ESEF, foi muito estranho. Porque eu cheguei lá assim, as pessoas diziam nome em pleno expediente, era uma falta de respeito, trabalhavam de chinelo de dedo. Eu parecia um “ET”. E era tão interessante que eu cheguei e eu ficava sentada na minha mesa e não saía da minha mesa e as pessoas passavam no corredor, na rua conversando, até eu me adaptar aquela nova situação, eu chorava. Chorava assim de tristeza que eu estava lá!

L.D. - Ai meu Deus! Isso em 1992?

B.R. - Isso em 92! E eu entrei ali num momento assim extremamente estranho, porque a pessoa que era chefe e que tinha toda uma liderança e era uma pessoa super querida e foi o único contato que eu tinha. Ela perdeu o marido, entrou em licença depois da morte do marido, estava grávida e já entrou numa super licença maternidade, que ela ficou quase um

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física

<sup>2</sup> Pró-Reitoria de Planejamento

ano afastada. Então o único vínculo que eu tinha, eu perdi. E a própria administração da ESEF naquele momento, ela estava assim sobre uma transição...

L.D. - Quem era que estava?

B.R. - Era o De Rose<sup>4</sup>, o diretor, que só passava viajando e o vice-diretor era o Alexandre Nunes<sup>5</sup>, uma pessoa muito querida assim, muito legal até de trabalhar, mas extremamente infantil assim sabe, inexperiente, super “oba-oba”. Então ele fazia umas malucagens assim. Eu estranhei muito, foi uma coisa que eu saí da água para o vinho. Mas tinha coisas ali que me agradavam. Aquele contato com o aluno, aquela importância de tu servir o aluno. Porque eu vinha da Reitoria, de uma coisa tão distante do aluno, que era como se a universidade não tivesse alunos. Isso para mim... Quando eu cheguei na ESEF, para mim foi muito importante, serviu assim como um estímulo. Eu assim: “Pô, pela primeira vez eu me sinto útil”. Que parecia que aquilo que eu fazia na Reitoria era uma coisa para botar em prateleiras e na ESEF era diferente, era uma coisa mais concreta do objetivo da universidade, que é o aluno da graduação.

L.D. - E do contato direto.

B.R. - Eu trabalhei aquele um ano assim... O De Rose era muito legal, uma pessoa muito... Ele era muito gente, tinha um contato muito humano com os funcionários, era muito querido. Apesar de todas as brigas políticas que ali tinham, era todo um grupo que entrou depois era contra ele, era toda uma brigalhada política, mas ele era... Eu não posso dizer nada, porque ele com a gente era dez.

L.D. - E tu trabalhou no LAPEX<sup>6</sup> ali?

B.R. - Não, eu trabalhava na secretaria administrativa. Bem no centro da coisa, ali junto com a direção. E nessa saída da Marlis entrou uma substituta que era da pá virada, que era

---

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>4</sup> Eduardo Henrique De Rose

<sup>5</sup> Alexandre Velí Nunes

<sup>6</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício

a Liliane<sup>7</sup> e era uma pessoa completamente desvairada. Então tudo aquilo foi muito diferente para mim, mas eu trabalhava, aquela coisa. Mas foi um ano muito conturbado. Porque era o último ano da gestão do De Rose, era ano de olimpíada, o De Rose só viajando e o Alexandre louqueando na direção. E toda uma trama política da oposição querendo pegar o poder. Então era uma brigalhada, era uma confusão.

L.D. - Quem era a oposição?

B.R. - A oposição era o grupo do Ricardo<sup>8</sup> que até hoje permanece. O Ricardo, o Guima<sup>9</sup> ainda estava no exterior fazendo doutorado, mas e junto com o Ricardo, era o Rangel<sup>10</sup>, o Stigger<sup>11</sup> que ainda era funcionário. Então todo um grupo que queria pegar o poder e tirar o De Rose. Eu era funcionária, tudo bem. Não estava nem dando bola, porque a gente quando é funcionária não interessa a política, tu continua sendo funcionária do mesmo jeito e tu não vai dizer: “Porque olha, entrou um opositor político” e dizer: “Não, agora eu não trabalho mais”. Isso é bobagem, a gente trabalha da mesma forma! Mas de qualquer forma... E aí foi muito engraçado, porque eu tinha tido um contato muito rápido com a Marlis, foi muito rápido. Porque logo aconteceu tudo aquelas coisas na vida dela, ela saiu e aí entrou o Ricardo. O Ricardo foi eleito, também foi candidato único. Foi eleito, com o Rangel de vice e me chamaram. Eles estavam fazendo as reuniões para organização, planejamento da nova gestão e me chamou e ele me perguntou assim: “Berê, tu quer ser minha secretária?”. E eu disse: “Olha, sozinha eu não quero, mas se a Marlis entrar eu aceito!”. Não, foi diferente! Primeiro eles convidaram a Marlis e a Marlis disse que só aceitaria se eu trabalhasse com ela. E eu topei. “Está bem, vamos trabalhar junto!”. E aí foi muito legal o tempo que a gente trabalhou, eu aprendi muito aquela coisa de direção, de secretaria. Foi bem interessante, apesar de que a gente se envolvia muito com os funcionários e então isso aí desgastava muito. Eu cheguei à conclusão de que eu não sei mandar, apesar de ser considerada uma pessoa autoritária na família. Chegavam lá, choravam, eu chorava junto e ganhavam tudo. E a própria direção era assim também, o Ricardo é uma pessoa boníssima, o Rangel também que aparentemente parecia uma pessoa

---

<sup>7</sup> Liliane de Castro Gonzalez

<sup>8</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

<sup>9</sup> Antônio Carlos Stringhini Guimarães

<sup>10</sup> Antônio Barbosa Rangel

<sup>11</sup> Marco Paulo Stigger

mais rigorosa, mas era assim outra mãe. A gente até brincava no início eu e a Marlis. Nós chamávamos a mãe e a madrasta, o Ricardo a mãe e o Rangel a madrasta. Mas depois a gente foi chegando à conclusão que olha, o Rangel era mais mãe que o Ricardo. Então esta característica família dentro da ESEF, ela era muito forte. Então era aquela coisa que, acho até porque é uma campus isolado. Então a gente se envolve demais junto com aquelas pessoas, fica muito ali próximo.

L.D. - A direção era bem envolvida com os funcionários, sempre foi bastante...

B.R. - Foi uma gestão muito legal. Eu acho, a ESEF foi bastante unida, teve problemas como sempre tem, mas era uma coisa bem humana. Eu sempre organizava todas as festas. A gente fez festas de final de ano que começavam de manhã e terminavam de noite. Tinha na programação até cachorro-quente para comer de tarde.

L.D. - Quantas festas, que festas eram essas?

B.R. - A gente tinha as festas de natal, no final do ano, para encerrar o ano e eu fazia despedida de aposentado, fazia festa de confraternização, fazia festa de São João. Todo mundo levava alguma coisa. Era um ambiente legal. Claro que eles resmungavam sempre, mas tinha um clima. A gente fez muitas festas. Foi um tempo legal. O Ricardo tem essa coisa humana! E ele cativava muito as pessoas. Claro que tinha os insatisfeitos, mas isso aí sempre tem. Mas foi um tempo muito bom na ESEF.

L.D. - Esse tempo tu fala sempre no passado, porque passou, tu acha que mudou?

B.R. - Passou, passou! Mudou muito! Até foi a gestão do Ricardo. Só que, no final de dois anos da gestão do Ricardo, eu me estressei, o que deu com aquela direção, com a rotina administrativa. Era muito cansativo, era uma coisa... E tinha que mandar e as pessoas não tinham respeito, era um oba-oba, eu não ganhava nada por aquilo. A Marlis até ganhava um FG, mas eu não ganhava nada! Quer dizer, eu estava me incomodando de graça. Eu comecei a me incomodar e eu disse para a Marli: “Olha Marlis, eu não agüento mais, eu não quero mais!”. Nesse meio tempo, a Marlis recebeu um convite para vir para a Reitoria e também não quis mais e a gente se despediu. Até ficou assim, como a Marlis que saiu e

eu saí porque a Marlis saiu, mas, na verdade, quem quis sair primeiro foi eu! Eu não queria mais! Aí o Ricardo: “Mas Berê, fica, fica!”. Fizeram altas propostas. Queriam que eu ficasse. Eu disse: “Não tem proposta, não fico!”. Ainda mais sem a Marlis, a confusão. Eles queriam que eu trabalhasse o dia inteiro, não sei o que. Não tenho condições. Era eu com as crianças pequenas. Não tinha como! Aí o Ricardo: “Mas o que eu vou fazer contigo?”. Nesse meio tempo, eu já vinha observando que não havia um lugar para os alunos da graduação reclamarem, um balcão de negociação dos alunos. O professor que era da comissão de carreira - no tempo era comissão de carreira, agora é COMGRAD<sup>12</sup> - o professor Roberto Schultz. Ele dava aula no remo e era ele o coordenador. Então ele nunca estava na ESEF. O único contato que o aluno tinha, era uma pastinha que a gente ia juntando a correspondência, entregava para o Schultz uma vez por semana. Eu sentia aquela falta. Então eu disse para o Ricardo: “Olha Ricardo, eu tenho uma proposta de trabalho. Eu quero montar a COMGRAD, eu quero...” Na época era com...

L.D. - Comissão de carreira!

B.R. - Comissão de carreira! Era COMCAR. Aí eu disse: “Olha, eu quero montar esse setor, porque eu acho que o aluno precisa desse espaço, ele tem que ter um momento de chegar, de reclamar, de dizer os seus problemas. É problema de matrícula, correção de matrícula. O aluno está sempre perdido correndo atrás de um professor que nem está aqui”. Nesse tempo também já tinham acontecido outras coisas e deu um rolo lá. O Schultz estava saindo, deu um problema com um aluno que ia se formar naquela formatura e não tinha os créditos necessários. Falaram para o guri no último dia. O guri entrou com um processo, com liminar. Olha, foi um auê! Foi o Cláudio Franzen, ele até dá aula agora como professor substituto, ele era o campeão de aeróbica.

L.D. - Ah, eu sei!

B.R. - Deu toda uma confusão, tudo. Foi quando eu entrei na ESEF, na COMCAR, como o Moraes<sup>13</sup> também, começando como professor coordenador. E nós criamos este setor. Só que o Ricardo disse: “Mas Berê, eu não posso te deixar lá porque é pouco serviço! Eu não

---

<sup>12</sup> Comissão de Graduação

<sup>13</sup> Luiz Fernando Ribeiro Moraes

posso perder um funcionário que trabalha num setor só para fazer isso, é pouco para ti!”. Eu disse: “Não, então”. Nesse meio tempo também, estavam formando a Revista Movimento. Eu propus para o Ricardo: “Não Ricardo, então assim, se tu acha que é pouco, me dá a Revista Movimento, que eu assumo a Revista Movimento também, toda a parte administrativa da Revista Movimento eu assumo, junto com a COMCAR!”. E fechou. O Stigger era o coordenador da Revista. Então fiquei eu com dois chefes, que no fim eles brigavam, tinham ciúmeira. Quando eu atendia um, não podia atender o outro, mas era tudo numa boa. Foi um tempo bem legal, eu pude fazer um trabalho bem legal, porque a gente conseguiu criar um vínculo do aluno. E o Moraes tem essa coisa muito boa de ouvir o aluno, de entender. Nesse meio tempo, houve o re-ordenamento de matrícula, dava muito problema com os alunos, de matrícula, de ordenamento, de vaga, então... E o Moraes conseguiu fazer um trabalho muito legal, muito sério em termos de oferecimento de vaga. A gente conseguiu organizar as turmas. Tudo que era turma A era de manhã, todas as turmas B oferecidas de tarde. Então tentar organizar de uma forma que não desse colisão de horário de disciplinas obrigatórias do mesmo semestre.

L.D. - E antes tinha esses problemas?

B.R. - Tinha vários problemas! Os alunos... Os professores faziam o horário que bem entendiam. Então não tinha uma lógica para o aluno fazer a matrícula. E o Moraes começou um trabalho todo diferente. “Pô, mas se o aluno tem que fazer duas disciplinas obrigatórias, no mínimo, essas disciplinas tem que ser oferecidas em horários diferentes”. Então todo um trabalho se começou junto. E, assim um atendimento para o aluno. Eu me preocupava muito com essa coisa do atendimento. Que eu sinto dentro da ESEF, um sentimento, não são de todas as pessoas, mas que o aluno da graduação, ele é a coisa mais insignificante. As pessoas não dão a devida atenção ao aluno da graduação. E eu sempre fui contra esse pensamento, porque eu acho que o aluno da graduação é o nosso cliente principal dentro da universidade, sem o aluno de graduação, nada mais tem sentido, porque sem a graduação, não existe a pós-graduação, porque é o estágio anterior. Quer dizer, sem a extensão, não tem sentido também ter graduação. A extensão sem o graduando não tem sentido. Então esse sentimento de... Sempre aquela coisa, que até hoje a gente vê professor que não dá aula, professor que fica dando ‘matação’ porque é graduação. Então esse sentimento sempre senti muito, essa coisa do aluno.

L.D. - E como é que os professores se adaptaram com esse questão de não poder mais fazer o horário que bem entendesse e ter que encaixar de acordo com o aluno?

B.R. - Claro, foi uma coisa muito negociada. O Moraes é uma pessoa extremamente política, política no sentido de saber negociar. Ele é diplomata, vamos dizer assim, ele é um diplomata para negociar. Então claro, foi ajeitando, foi explicando, alguns [palavra inaudível], outros não, uns conseguiram trocar, outros não conseguiram trocar, mas a coisa foi o início de um processo, que melhorou muito. Os alunos eu acho assim que tiveram ganho com o Moraes. E foi um tempo muito bom. Terminou a gestão do Ricardo, eu ainda sempre ajudando na direção, coisas que precisava, mas a Escola ela tinha uma união, uma coisa boa, as pessoas tinham prazer. Eu lembro uma vez que eu organizei uma festa de aniversário surpresa para o Rangel. E o Rangel aquela coisa querida também e nós fizemos uma festa e que não faltou ninguém, todas as pessoas foram, todos os professores e todos os funcionários! Sabe, foi uma coisa inédita na ESEF, porque sempre tem aquele que não vai, que não gosta, que quer... Foi inédito! A sala estourava de gente, tinha que por gente para fora, não cabia todo mundo dentro da sala que a gente fez. O Rangel chorava que nem um bebê de faceiro! Então tinha coisas legais, mas em termos de relacionamento. Essa foi a primeira gestão que eu peguei do Ricardo e nessa gestão eu cresci enquanto pessoa. Porque eu comecei a entender outras coisas e eu fiz o meu espaço enquanto funcionária. Eu passei a ser respeitada, a ser escutada, foi uma coisa legal. As pessoas me respeitavam pelo meu trabalho. Até teve um fato muito engraçado uma vez, que estava aquela função, seis horas, pode, não pode. E diziam que um dia ia chegar o Reitor e fazer uma incerta ao meio dia. Mas aquilo, aqueles ‘oba-oba’, aquelas ‘diz-que-me-disse’. Mas, por acaso, teve um dia que a Marlis já tinha saído, o Ricardo e o Rangel tinham ido almoçar e eu que trabalhava de tarde, chegava ao meio dia, quando eu trabalhava com o Ricardo ainda. Estava lá, só eu e chega o Helgio<sup>14</sup>, o Reitor. “Ah, porque eu vim fazer uma visita...”. E moral da história? Só tinha eu lá. “Não professor, vamos dar uma volta então, vamos fazer esta visita, eu lhe acompanho!”. E eu avisei o pessoal: “Tentem localizar o Rangel...” - que naquela época nem tinha celular. – “tentem localizar o Rangel e o Ricardo e diz que o professor Helgio está aqui e que eu estou passeando com ele”. Aí saí eu com o Helgio e, claro, aquela coisa assim, no início um tanto quanto constrangida, até pela situação, mas saí conversando com ele, fomos na pista. E ele: “Bah, mas está muito esburacada esta

pista”, conversando e tudo. Ele me perguntou se eu sempre tinha trabalhado na ESEF e eu disse: “Não, eu trabalhava na Reitoria, assim, assado”. Ele sabia onde é que eu trabalhava, até a pessoa com quem eu trabalhava. Aí ele perguntou se eu tinha gostado dessa troca e eu disse: “Olha professor, eu gostei muito desta troca porque eu me sinto muito mais útil. Eu na Reitoria achava que o que eu fazia não adiantava muito, não tinha uma coisa concreta e hoje aqui eu me sinto muito mais útil, muito mais dinâmica no meu trabalho, me sinto mais valorizada e me sinto mais estimulada a isso”. E ele: “Bah, que legal, eu vi isso, por isso que é bom, às vezes, a gente sair da Reitoria e ouvir outras opiniões”. Foi muito legal, nós conversamos, tudo. E nós subimos para a sala de ginástica, que era ali em cima, e a Mírian<sup>15</sup> estava dando aula e com os bastões no chão, mas a Mírian não parou a aula e ele me perguntou: “Mas para que serve aquilo?”. “Olha professor, eu acho que é para levantar o braço, se sacudir feito circo”. E ele: “É, deve ser”. E nenhum dos dois entendia, nem eu, nem ele, de educação física. Nisso chegou o Ricardo e o Rangel. Eu me lembro que chovia e eles chegaram super atucanados, assumiram o Reitor, tudo. Depois disse que teve uma reunião na Reitoria com todos os chefes de unidade e que o professor Helgio me citou nessa reunião dizendo: “Ah, conheci uma pessoa que inicialmente me parecia um pouco frágil, mas que depois fez uma colocação que eu achei muito importante”. Ele repetiu o que eu tinha dito nessa reunião e depois no fim vieram me contar algumas pessoas da Reitoria que eu já conhecia e lá da ESEF. Vieram me contar que no fim fiquei até amiga do Helgio, vamos dizer assim. Então foram coisas que foram legais. Interessantes. Depois o Rangel e o Ricardo me xingaram: “Berê, isso aqui é uma aula de educação, um curso de educação física, não é uma aula de circo Berê!” [risos]. Eu disse: “Ricardo, mas eu não sabia para que servia esse troço!”. Falando das tais maçãs, era maçã o nome...

L.D. - Era maçã!

B.R. - Maçã! E eu já achando que aquilo era um bastão de circo. Então foram coisas assim, foi muito legal. Eu fui muito feliz naquela época. E eu não... E era uma época que parecia que não tinha tanta briga entre funcionário e professor. Eu acho que foi um tempo de mais harmonia, vamos dizer assim. Nisso eu criei um laço e, nesse meio tempo, voltou o Guima,

---

<sup>14</sup> Helgio Henrique Casses Trindade

<sup>15</sup> Míriam Stock Palma

voltou o Adroaldo<sup>16</sup>, são pessoas assim de gênio mais acirrado, uma posição política mais forte. Voltou, era do grupo do Ricardo e eu passei também sem grandes competições políticas, porque aquela coisa, a gente é funcionário, não dá para se meter muito em grupo político. Mas de qualquer forma eu acabei entrando na onda da coisa e acabei apoiando o Guimarães para as próximas eleições. E o Guimarães entrou, a gente fez campanha. Eu me lembro que eu fui até... Tinha reunião na casa do Fortuna<sup>17</sup>. Churrasco para fazer faixa, para preparar programa, tudo. E nós fomos nessas reuniões. Até o Guima não tinha vice e só quem podia lá pelos cargos se candidatar, era o Fortuna, mas o Fortuna não queria. E eu fui na casa do Fortuna junto com outro grupo de funcionários para pedir para o Fortuna aceitar. Olha só a maluquice! Depois deu no que deu. O Fortuna aceitou, ainda disse que aceitou porque eu tinha pedido. Olha só como as coisas mudam. O Guima entrou, a gente na maior esperança, que era, “tá, tudo legal”. Só que o Guima era uma pessoa completamente diferente do Ricardo. O Guima, como é que eu vou te dizer, o tipo da administração dele, ele era uma pessoa fria e calculista. E foi criando um clima dentro da ESEF. Aí começou brigas homéricas, os funcionários contra os professores, professores contra funcionários, grupos extremamente insatisfeitos. E aí a gente começou a se posicionar muito contra para defender um espaço, entende? Eu já fui membro do conselho da unidade. Então eu me queimava muito perante isso. E comecei a atuar muito politicamente, porque de uma forma ou de outra, eu passei a ser um pouco de liderança, de ter uma liderança entre os funcionários. Então o pessoal da limpeza, aquele pessoal mais desavisado, eu ajudava muito. Tem um questionário, uma coisa da Reitoria, tu preenche, tu ajuda, tu ensina, tu aconselha. Então isso foi criando um vínculo, uma liderança minha. E aí começou os conflitos. Eu acho que a gestão do Guima foi extremamente conflituosa.

L.D. - Que foi que ano?

B.R. - Deixa eu ver! Se eu entrei em 1992, o primeiro foi de 1993, entrou o Ricardo, de 1993, 1994, 1995, 1996 entrou o Ricardo. Em 1997 entrou o Guima. Foi até 2001 e entrou o Ricardo em 2002. Foi conflito geral! E no início o Guima me considerava, ‘piriri, pororó’. Lá pelas tantas... Eu com a Revista Movimento ainda e eu estava num espaço tremendo dentro da ESEF, porque nessas alturas, era só eu homenageada nas formaturas,

---

<sup>16</sup> Adroaldo Cezar Araujo Gaya

<sup>17</sup> Newton Fernando Fortuna

só dava eu. E começou assim, os alunos procurarem mais a mim do que aos professores. E o Moraes nesse tempo, inventou de ter uma academia. Ele tinha terminado o mestrado e entrou numas de poderoso e não aparecia mais na ESEF. Começou a dar problema na COMGRAD, porque eu defendia um turno e o Moraes tinha que estar no outro turno. Assim a gente sempre defendeu o setor. Só que o Moraes não estava mais lá, não ia mais lá, porque ele ficava na academia e deu aqueles rolos, começou um monte de rolo e briga e briga. E professor que tinha quarenta horas e não podia ter e que não sei o quê. E vinte horas e DE<sup>18</sup> e dava aula fora e começou aquele brigueiro. Só que aquela coisa, sempre eles defendendo o grupo deles e querendo malhar os do outro grupo. E a gente como funcionários, ou é uma lei para todos, ou não é. Então começou muita briga de facções ali dentro.

L.D. - Entre grupos de professores e os funcionários?

B.R. - E os funcionários brigando também junto. E, ao mesmo tempo, a secretaria que o Guima também botou lá junto com ele, que é quem faz a linha de frente na direção, era um pessoal muito briguento, muito desumano. Eles não ouviam ninguém. Queriam impor ordens, elas achavam que elas eram as chefas. Não que não houvesse aquele cargo de confiança, mas dentro duma Escola, da forma como a gente trabalha, tu és colega sempre. Jamais tu pode te impor como chefe querendo humilhar o próximo, porque hoje tu és chefe, amanhã tu é colega. E isso não se cria, entendeu? Então foi um clima de hostilidade terrível, terrível assim, sabe?

L.D. - Até 2001 isso?

B.R. - Então o final foi catastrófico! Chegou no final de não ter festa de natal, não ter nada. Não se fazia nem um bolinho de natal, porque ninguém queria ir. De tal, para tu ter uma idéia, o que era o clima. Porque eu acho que o social, ele é um espelho dos relacionamentos. Enquanto naquela primeira gestão, meu Deus! As festas, tipo a do Rangel que não faltou ninguém. Terminou a do Guima sem ter uma festa de natal. Um climão assim. Então foi horrível, foi traumático! E eu briguei com o Guima no meio da gestão. Porque eu estava cuidando da Revista Movimento e todos os artigos tinham que passar por

---

<sup>18</sup> Dedicção Exclusiva

um conselho editorial e seriam aprovados ou reprovados. Eu achava que tinha que ser assim. E quem estava coordenando a Revista Movimento, era o Pelé<sup>19</sup>, porque o Stigger tinha saído para o doutorado. E o Pelé não dava muita bola, só estava ali porque ele tinha que ser, botaram ele e ele tinha dito não e não aceitaram o não. E ele acabou ficando, mas ele não abraçava, não tinha um comprometimento maior. Aí o que aconteceu? Veio um artigo da Janice<sup>20</sup> sobre o LAPEX e que foi negado. Foi negado! Nisso o LAPEX ia fazer aniversário, ou ia... Não, ia ser a inauguração do LAPEX novo, uma coisa assim. E eles queriam lançar uma revista especial só com artigo do LAPEX histórico. Eu disse para o Guimarães: “Olha Guimarães, tu me desculpe, mas este artigo foi negado! E eu não vou trabalhar numa Revista em que o artigo foi negado, porque eu acho que isso é uma falcatrua!”. E ele ficou furioso e me chamou de insubordinada. E desde então ele me virou a cara, nunca mais falou comigo, ficou super hostil. Teve várias brigas de funcionário. Eu me lembro que teve uma briga muito feia, porque o Guima, ele decidia as coisas e vinha ordem de cima para baixo, ele nunca conversava com os setores para saber as rotinas de trabalho e a partir das rotinas tu criar um programa. Ele vinha, decidia e deu. E ele decidiu juntar as secretarias, todas as secretarias numa sala só, que até o Barata<sup>21</sup>, ele era vivo ainda, e ele chamava a nossa sala de Madre Pelletier<sup>22</sup>, porque era um monte de louca. Então foi assim muito engraçado aquela coisa, aquilo foi um desgaste, várias pessoas saíram, uma pediu PDV<sup>23</sup>, a outra saiu da ESEF depois de meses de briga. Então foi uma confusão. E não deu certo, porque cada secretaria tinha uma característica. A extensão atendia pessoas de idade, criança e uma comunidade de quase duas mil pessoas. Eu atendia aluno e achava que eu não tinha que atender aluno em guichê. Eu achava que o meu aluno tinha que entrar e sentar numa mesa na minha frente e conversar e ter um espaço que a gente ia perder muito de ter este vínculo e deixar de ter este vínculo e passar a atender as pessoas num guichê friamente. A outra secretaria era só de professores, que também não era uma coisa que tu podia, eles não queriam que os professores entrassem dentro da sala. Ora, se a política, a cultura era de todo mundo entrar na sala, como é que de uma hora para a outra tu ia fechar a porta e dizer: “Olha, tu não entra aqui!”. Então, coisas assim que iam acontecendo e a outra secretaria que era assim, extensão...

---

<sup>19</sup> Jorge Luiz de Souza

<sup>20</sup> Janice Zarpellon Mazo

<sup>21</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>22</sup> Penitenciária de Porto Alegre

<sup>23</sup> Plano de Demissão Voluntária

L.D. - Graduação.

B.R. - Graduação e o departamento. Eram essas três secretarias. Ora, aquilo não deu certo e começou uma brigalhada. E a mulherada toda junto, era uma confusão dos diabos! E o Guima não abria mão que tinha errado administrativamente. Porque se tu pegar qualquer livro de administração hoje, tu começa pela rotina e pela rotina tu parte para melhorar aquela rotina, mas não chega com uma ordem pronta de cima para baixo. Ele não admitiu! Tanta briga foi que ele tirou a extensão de lá e botou a extensão lá para frente na secretaria administrativa. Continuou não dando certo, porque a extensão é uma coisa que tem que funcionar sozinha, porque horário diferente, tudo diferente. Eu ainda fiquei ali na coisa. E deu uma briga muito grande que nós pedimos uma reunião com ele e o Fortuna, na época do Fernando Henrique<sup>24</sup>, que fazia toda aquela desmoralização do funcionário público e o Fortuna que... Só negativo. Tudo o que ele podia assim para o negativo, ele fazia. Até hoje ele é assim. Eu me lembro que o Fortuna veio com um papinho, disse para o Guima que se pegasse o número de funcionários e dividisse pelo número de alunos da graduação, dava um funcionário para cada cinco alunos, uma conta bem absurda. E o Guima vem e diz isso numa reunião: “É, porque segundo a conta do nosso vice-diretor, tem um funcionário para cada cinco alunos, quer dizer, vocês estão trabalhando muito pouco”. Eu me indignei. E essas coisas de se indignar e sempre falar, foi me queimando. Foi desgastando muito. E eu disse para o Guima: “Pois é Guima, a universidade é feita de um tripé, de extensão, ensino e pós-graduação. Então quando se tu fizer esta tua conta, tu junta os dois mil alunos da extensão, tu junta os setecentos alunos da pós-graduação, tu junta todos os alunos da especialização e todos os alunos da graduação e aí então tu divide pelo número de funcionários, vamos ver quantos alunos vai dar para cada funcionário. Ou tu acha que a Escola se faz só da graduação?”. Então claro, isso aí eu falei em reunião, o Guima queria me morder. Mas ele teve que admitir! Ele me olhou e disse: “Muito bem Berenice, esta tua conta está muito certa, nunca mais usarei este argumento!”.

L.D. - Ah, ainda bem!

---

<sup>24</sup> Fernando Henrique Cardoso. Presidente eleito do Brasil de 1994-1998 e reeleito 1998-2002

B.R. - Então foi coisa que foi indo, foi indo. Só que foi um caos. Quando terminou foi um horror. Foram quatro anos de terror geral na Escola. Eu acho que aquilo... Depois o Guima também dispensou...

[FINAL DA FITA 80/01-A]

B.R. - Problemas psicológicos, passando por uma fase muito difícil na vida e ele pegou e liberou ela. Liberou não, botou à disposição mesmo ela, em licença. Então aquilo ali desgastou mais, porque as pessoas se indignaram. Uma coisa é tu tratar com uma pessoa que está sã, de igual para igual, agora outra coisa é tu atacar para cima de uma pessoa doente. Isso foi uma debandada na gestão do Guima. Eu acho, se não me engano, saíram mais de dez funcionários na gestão dele. Assim, insatisfeito, ou dispensados, ou por algum motivo, saíram. Foi bem complicada a gestão do Guima. Depois o Ricardo veio. E se propôs a voltar com a direção. O Ricardo disse que entendia toda aquela situação que estava formada em termos de ambiente, tudo e que ele pretendia retomar. E realmente, o Ricardo é uma pessoa muito mais amena, mais negociável, vamos dizer assim. Mas ficaram marcas. E o grupo deles é muito forte e a liderança do Guima é muito forte dentro do grupo. Então, eu acho que melhorou, mas não curou. Aquela ESEF do passado não voltou.

L.D. - E a atuação da vice-direção, como é que tu via? Porque agora tu falou, pontuou bastante a direções, mas as vice-direções parecem que ficavam meio mascaradas.

B.R. - Tá! Contando a primeira gestão do Ricardo, o Rangel foi maravilhoso! Ele foi um vice-diretor assim atuante em todas as frentes. Quando eu falo todas as frentes, ele atuava em tudo mesmo. Até consertar tomada, ele consertava. Se tivesse que ir lá cortar uma árvore, estava o Rangel em cima da árvore, cortando a árvore. E ao mesmo tempo ele estava lá na reunião de departamento, estava participando em tudo. Ele era uma pessoa extremamente atuante. Super atuante! Foi excelente, um administrador dez. Mas ele se aposentou no final da gestão. Quando terminou a gestão ele se aposentou. Aí depois o Fortuna foi o vice do Guima e que foi muito complicado, porque o Fortuna até apitava na parte orçamentária, porque o Guima era mais seguro e o Fortuna, ele mandava, ele tinha alguma coisa, até falava alguma coisa, até tinha alguma atuação. Bem menor que a do

Rangel, porque dava muito atrito. Qualquer coisa que fosse resolver com o Fortuna dava confusão. Então ficava muito o Fortuna, mas o Fortuna sempre gerenciando muito a parte orçamentária. E quando o Ricardo se reconduziu, nessa gestão agora que está acabando nesse ano - acabando até ali, porque é candidato de novo - entrou o Fortuna junto, mas o Fortuna entrou por absolutamente falta de candidato. O Ricardo simplesmente não tinha, ninguém quis ser vice com ele. E entrou o Fortuna de novo, o que foi uma indecência, porque ele só fez confusão. O Ricardo como é uma pessoa conciliadora, simplesmente para se ver livre das confusões e brigas do Fortuna, tirou ele da jogada, tanto é que eles nem se dão, nem se falam muito hoje. Fica o Ricardo administrando e o Fortuna de agente laranja lá dentro, não fazendo nada. Quer dizer, o Fortuna tem todo um discurso hiper moralista, mas, ao mesmo tempo, ele está lá ganhando um FG e não fazendo nada, quer dizer, então onde está esta moralidade toda. Ele adora cobrar de todo mundo isso, mas ao mesmo tempo está fazendo uma coisa super imoral. Então, hoje o Ricardo trabalha sozinho. O Ricardo não tem vice-direção! Não tem, não tem! Não conta a vice-direção. Aliás, o Ricardo está extremamente mal assessorado. Coitado do Ricardo, tenho pena do Ricardo!

L.D. - E o associativismo dos funcionários, quando tu entrou já tinha alguma organização dos funcionários da ESEF ou era grupo de funcionários da ESEF?

B.R. - É, acho que assim que é um grupo pequeno, que trabalha isolado, num campus isolado. Então existe essa ligação. Mas também tem grupos, até acho que por gênio, uma coisa natural. Existe dois lados dos funcionários. Uns e outros. E doenças dos funcionários, eu digo assim: “Tem aqueles que não fazem nada e nunca vão fazer, mas continuam no ‘oba-oba’, tem aqueles que sempre fazem, tem aqueles que sempre só reclamam”. Que era o meu caso. Que no caso, eu comecei a me envolver demais. E comecei a atuar muito politicamente entre os funcionários. Isso aí dá um desgaste tremendo.

L.D. - E a participação nos conselhos de unidade, dessas coisas. Os funcionários sempre participaram, sempre tiveram direito?

B.R. - Sempre que a lei permitia participação, se participava. Mas não que os professores: “Ó, aqui não tem lei, mas se tu quiser participar, tu participa”, não! É só dentro da lei, aquelas vagas, sempre uma certa hostilidade com os funcionários, mas... E a representação

era sempre as mesmas pessoas. Meio que rodando nos mesmos. Eu fui acho que três, quatro vezes representante no conselho, era só o tempo de sair para depois voltar. Isso cansa. E dentro do próprio conselho começaram a função das vagas. Porque os cursos de pós-graduação, especialização, eles foram criados para melhorar a renda dos professores e consequentemente evitar que eles arrumassem emprego em outras universidades e entrassem em uma situação ilegal. Então, entre aspas, foi criado isso aí. Os funcionários disseram assim: “Bom, mas se os professores tem uma chance de ganhar mais, vamos criar uma forma também, um mecanismo que os funcionários também tenham essa chance”. Porque se os professores estão com os salários achatados, os funcionários da mesma forma. Até pior, porque com o salário mais baixo... Então ta. Foram criadas vagas para trabalhar na secretaria de especialização à noite. Mas isso deu um rolo, rendeu horrores. Até o ano passado deu uma baita duma briga, porque um professor lá resolveu, uma princesinha lá enlouquecida, resolveu que ele ia botar alguém de fora. E os funcionários também ficaram indignados. Por que alguém de fora, se tinha gente ali dentro que podia trabalhar? Por que alguém de fora ganhar? Por que simplesmente o professor não gostava dos funcionários que ali estavam? Então sempre isso aí criou uma briga muito grande. Mas esta briga ela aumentou na gestão do Guima e nessa liderança desse grupo. Que eu acho que ele é um dos mentores.

L.D. - Então tem dois grupos: o do Petersen e do Guima, ou agora eles são o mesmo grupo?

B.R. - Não, é o mesmo! Só que eu acho que em termos, de gênio, dentro desse grupo a liderança é do Guima. E um outro grupo, que era o grupo do Guima, do Ricardo, Adroaldo, que veio e que tirou o grupo do De Rose. Então existe uma pseudo-oposição, que seria os que ficaram do grupo do De Rose depois da aposentadoria dele. Só que esse grupo não atua em nada, ele não está nem aí. Não existe. Eu digo, é uma pseudo-oposição, porque eles não estão nem aí, cada um anda por si, são contra, mas também não tem atividade política nenhuma, não se envolvem com nada. Agora ultimamente que foi criado outro grupo também que se diz oposição, mas eu também não acredito muito nisso porque é

oposição até tirar vantagens próprias. Porque no momento que tem vantagens está andando junto. Que é o grupo da Silvana<sup>25</sup>, do Molina<sup>26</sup>, do Stigger.

L.D. - Quem era o grupo do De Rose?

B.R. - Era o De Rose, o Alexandre Nunes, o Benno Becker<sup>27</sup>, o Xiquinho<sup>28</sup>. Não lembro!

L.D. - Esse grupo saiu agora e entrou esse grupo da Ciências Humanas?

B.R. - É, esse das Ciências Humanas está se criando agora e não boto muita fé, tanto é que agora teve eleição e nem lançaram candidato. Quer dizer, é uma coisa que não acredito muito nessa oposição! O que existe são quererem um pouco diferenciados, até porque existe uma proteção das Biológicas por eles mesmos. Não acredito muito nessa oposição.

L.D. - Bere, tu saiu agora, esse ano. Eu queria que tu falasse, uma última declaração tua, umas coisas boas que tu levou, umas coisas ruins que tu acha que ficaram, que tu trouxe contigo da ESEF?

B.R. - Bem, coisa boa que eu trouxe da ESEF foram os alunos! Não tem nada melhor do que os alunos da ESEF! Aquele tempo que eu trabalhei na COMGRAD, eu fui feliz, sabe? Porque foi um contato tão bom com aquele aluno. O aluno da ESEF é um aluno querido, é um aluno humilde, educado, esforçado. Eu acho que o valor... É um aluno dez. Eu acho que não tem nada melhor na ESEF do que o aluno. É o que tem de bom na ESEF e aquele astral. O próprio curso da educação física dá um astral legal. Se trabalha com saúde, se trabalha com exercício, se trabalha com essa dinâmica, que eu acho que é muito boa, que deve ser diferente quando se trabalha com... Imagino eu, posso estar dizendo bobagem, tipo medicina que tu trabalha com doença, trabalha com morto, lá sei eu! E a ESEF não, a ESEF é luz, é energia! Então isso é o que eu tenho de melhor na ESEF! E fiz muitos amigos lá também, acho muito legal. E o que eu trago de ruim da ESEF? Eu acho que a forma como alguns professores conduzem a sua maneira de trabalhar. Extremamente

---

<sup>25</sup> Silvana Vilodre Goellner

<sup>26</sup> Vicente Molina Neto

<sup>27</sup> Benno Becker Junior

<sup>28</sup> Francisco Xavier de Vargas Neto

individualistas, extremamente egoístas, no sentido de pensarem só no seu currículo. “Ah, porque eu vou...”. Usam muito os alunos, de forma inapropriada, botam o aluno a dar aula na graduação indevidamente. Fazem tudo quanto é coisa, botam o nome junto. Os alunos estão lá pesquisando e fazendo e vai lá o professor e põe o nome junto. Tudo bem, tem uma orientação, mas eu acho que existe uma certa exploração da mão-de-obra do aluno, até porque eles se sentem submissos a esses professores e acabam não reagindo a essa situação. E a gente, quando funcionário, acompanha esse dia-a-dia do aluno, do professor e a gente sente medo do aluno, até por causa da barganha de nota de uma futura aprovação num mestrado. Então eu acho que isso aí é uma coisa complicada. Eu acho uma relação complicada.

L.D. - Logo quando tu entrou, tu não sentia esse... Na administração do Rangel com o Petersen, era diferente? Tu acha que deu uma piorada ou esse quadro já existia?

B.R. - Talvez até existisse, eu não tinha esse entendimento. Até porque eu trabalhava junto com a direção e com a direção não tem esse envolvimento com o aluno. Eu comecei a pensar mais no aluno quando eu fui para a COMGRAD. Porque a COMGRAD é um lugar de convívio com o aluno. E foi muito legal, muito bom, eu gostei muito de trabalhar na COMGRAD, foi o lugar onde eu me realizei. Até hoje dentro da universidade, foi o lugar mais feliz dentro da universidade. Foi muito legal. E depois, quando eu saí da COMGRAD, que eu me formei em história, eu quis trabalhar em alguma coisa mais envolvida com a minha formação. Fui trabalhar no Centro de Memória<sup>29</sup>. E daí foi outra história também, mas foi! [risos]

L.D. - Então Berê, eu queria agradecer a entrevista...

B.R. - Não, eu queria contar um fato pitoresco!

L.D. - O que? Qual fato?

B.R. - Ah, eu tenho uma história que eu adoro contar! [risos] Então uma vez, eu digo, porque a ESEF tem figuras assim que meu Deus do Céu, de funcionários. Eu digo, aquilo

lá é uma fauna completa. [riso] E eu me lembro uma vez que era março, assim quente, um horror, a gente derretendo, aqueles calourões de março, foi bem no dia que entra o outono. E chega um colega nosso, o Cláudio Garcia<sup>30</sup>, de manga cumprida. E ele se queixando, suando, derretendo. E eu disse assim: “Mas Cláudio, que horror, por que tu está de manga cumprida?”. “Mas Berê, entrou o outono hoje e eu me vesti conforme a estação!” [riso]. Então eu acho essa história muito engraçada, porque como é que uma pessoa vai se vestir pela estação e não pela temperatura. Então foi muito bom, teve muita gente legal. Tinha o Paulinho<sup>31</sup>, que ele faleceu lá dentro da Escola mesmo, engasgado. E ele vivia de porre, trabalhava... E eu me lembro que eu trabalhava na secretaria naquele primeiro ano que eu trabalhei lá. Me chamavam: “Berê, o Paulinho durmiu!” [risos]. Eu tinha que ir lá acordar ele. Ele numa embriaguez, era alcoólatra. No último da embriaguez “Acorda Paulinho, acorda Paulinho! Vai para casa!”. Mas aquilo com carinho. Eu me lembro que o Paulinho me adorava. “Tá bom guria, tá bom!” [riso]. Ele sabe... Ele tinha umas coisas muito interessante. O Paulinho hasteava a bandeira do Brasil e da Escola todos os dias!

L.D. - Onde que hasteavam as bandeiras?

B.R. - Ali em frente ao ginásio tem os mastros! E ele hasteava a bandeira todos os dias! Deus o livre a bandeira não ser hasteada! Então, coisas assim, pitorescas da ESEF.

L.D. - E não tem mais isto?

B.R. - Não, depois que o Paulinho morreu, nunca mais se hasteou bandeira na ESEF! Tanto é que as bandeiras estão tudo atiradas lá. Então, coisas muito legais assim. Uma vez vieram na secretaria reclamar, umas mulheres perguntar por que não podia caminhar na pista de fusô de “cotton”. A gente assim: “Mas não tem, não existe isso! Quem é que lhe disse?”. “Ah, foi o Paulinho e o Walter<sup>32</sup> que proibiram a gente de caminhar na pista de calça de cotton”. [riso] Aquelas coisas assim... O que é que deu na cabeça deles, a ponto de atacar as pessoas na pista e proibir o passeio de calça de “cotton”. Imagina. [riso] Então

---

<sup>29</sup> Centro de Memória do Esporte (CEME)

<sup>30</sup> Cláudio Luiz Garcia

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>32</sup> Walter Fagundes

tem coisas muito boas. Eu acho assim, professores que eu fiquei amiga, que eu sempre circulei muito no...

L.D. - Nos setores?

B.R. - Não, eu circulei muito bem entre os funcionários e também sempre circulei muito bem entre os professores. Eu tenho professores que me visitam em casa, que eu fiquei amiga. Então eu sempre circulei muito bem nos dois meios. E saí da ESEF porque quis. Claro que sempre tem problemas, acho que problemas existem em todos os locais, acho que a gente também tem problemas. Eu acho que eu acabei me desgostando muito com as brigas políticas. Me envolvi demais. Meti muito a minha cara a tapa e levei tapa. Então claro, tu leva um tapa, dói. Então acho que isso tudo me fez querer partir para outra. Mas eu acho que a gente tem que trabalhar sempre com aquele gostinho de desafio. Na ESEF eu não tinha mais esse desafio. Eu conhecia demais, eu não conseguia mais acreditar nas pessoas, porque tu já sabia exatamente o que cada um pensava e de que forma cada um trabalhava. Então me faltou esse sabor de desafio. Eu estava desestimulada no meu trabalho. Ali no CEME<sup>33</sup> eu estava sentindo que a coisa não ia mudar, a não ser as funções em volta do umbigo do coordenador e não do setor. E eu tenho um pensamento que eu acho que a gente tem que ser mais institucional do que pessoal. E as coisas lá na ESEF, eu acho que por ser muito isolada, elas se enroscam nas pessoas...

L.D. - No indivíduo?

B.R. - Exatamente! O CEME passou a ser a coordenadora do CEME! E eu não concordo com isso. Eu acho que as coisas tem que funcionar pela instituição, não pelo coordenador. Tudo bem, eu acho que o coordenador tem todo um trabalho de liderança, mas no momento que tu não consegue mais enxergar a instituição, a instituição começa a ficar em segundo plano e isso para mim não me serve. Porque eu acho que antes de mais nada a gente é um servidor e está para servir a instituição. Eu tenho isso muito forte comigo. Porque todos esses anos que eu fui funcionária pública, a gente sempre sofreu uma pressão muito grande da sociedade, que tu é vagabundo, que tu não produz, que tu é um parasita.

---

<sup>33</sup> Centro de Memória do Esporte

Então eu sempre tive muito medo disso. Eu sempre tentei ser uma pessoa séria. Claro, abaixo de brincadeira no trabalho, mas era no sentido assim de respeitar a instituição.

L.D. - O profissionalismo!

B.R. - O profissionalismo! E essa coisa eu não estava mais vendo. Então, eu precisei sair para poder me sentir estimulada ao trabalho.

L.D. - Crescer mais ainda, mais ainda!

B.R. - E poder contribuir. Porque eu acho que a gente tem que contribuir. E no momento que tu não contribui, não tem mais porque tu continuar.

L.D. - A ESEF está lamentando a tua saída lá, Berê! [riso]

B.R. - Ah, ninguém é insubstituível. Mas agora tem professor muito feliz com a minha saída, com o meu bocão do conselho da unidade! [riso] Mas foi muito bom. E foi muito legal a forma como eu saí, porque eu conversei com a direção, com o Ricardo. Que eu tive uma ligação com o Ricardo e foi muito bom, porque a gente passou a limpo esses anos que a gente trabalhou junto. Falamos das coisas boas, das coisas ruins e a gente conseguiu zerar de uma forma muito legal, foi muito bom. Para mim foi muito compensador a forma que eu saí. Apesar de ter tido problemas de outras ordens aí dentro, no setor, mas foi muito bom aquilo. Eu acho que eu saí de cabeça erguida. Foi muito bom. Eu gostei da forma de eu ter saído, eu acho que foi a melhor forma que podia acontecer. E eu amei a ESEF! Eu amo a ESEF! Defendo a ESEF! Eu acho que a ESEF vai sempre morar no meu coração! [riso]

L.D. - Então tá, Berê! Obrigadão pela entrevista, foi uma baita duma entrevista!

B.R. - Agora vão sofrer para transcrever! [risos]

[FINAL DO DEPOIMENTO]